



A Genealogia da Moral - Nietzsche

Contexto e Maturidade Filosófica

O lugar da *Genealogia da Moral* na obra de Nietzsche

- Publicado em 1887, após *Além do Bem e do Mal* (1886).
- Escrita no período da "maturidade" — fase crítica e genealógica. O projeto de transvaloração dos valores.
- Contexto: Nietzsche busca explicar **a origem histórica dos valores morais**, não justificá-los.
- Perguntas orientadoras: ***Como nossos valores se formaram?***
Qual o valor dos nossos valores?

📖 **Como ler Nietzsche?** Lentamente, ruminando como uma vaca, evitando conclusões precipitadas e binárias (a genealogia é cinza), procurando entender o seu um diagnóstico. Nietzsche como uma "caixa de ferramentas"? Como um sistema? Como um pensamento vivo e experimentador?

Os perigos na leitura de Nietzsche.

O **alvo principal?** A moral da **compaixão** secularizada na modernidade (BM, § 202; GM Prólogo, 5 e 6)



Método e Abordagem

O método genealógico

Condições históricas

A "genealogia" não procura causas metafísicas, mas **condições históricas e psicológicas**.

Influências

Influência de fisiologia, psicologia e filologia.

Sintoma vital

A moral é vista como um sintoma de forças vitais.

Três ensaios investigam:

01

Origem dos valores de "bom" e "mau"

02

A má consciência

03

O ideal ascético

A origem das distinções morais

"Bom e mau" / "Bom e ruim"

Moral Nobre (ativa)

bom = nobre, forte, afirmador da vida.

Moral Escrava (reativa)

bom = inofensivo, fraco, compassivo.

A moral nasce de **dois modos de valoração** (um nasce da auto-estima, outro do ressentimento):

- O ressentimento transforma impotência em virtude e força em maldade (GM, I, 10, 13).
- A moral moderna é herdeira da **moral dos escravos** (judaico-cristã).

"Roma contra Judeia, Judeia contra Roma": — não houve, até agora, acontecimento maior do que essa luta" (GM, I, 16)

"Platão contra Homero: eis o verdadeiro, o inteiro antagonismo — ali, o mais voluntarioso 'partidário do além', o grande caluniador da vida; aqui, o involuntário divinizador da vida, a natureza áurea" (GM, III, 25, p. 141)

A Inversão dos Valores

O ressentimento como motor da inversão moral



Divisão na casta dominante

Divisão na casta dominante: guerreiros e sacerdotes. Os sacerdotes é que conduzem a inversão dos valores.



Reação, não ação

O ressentido não age — **reage**.



Negação da vida

Incapaz de afirmar a vida, cria valores que a negam.

Constrói a ilusão de uma moral "superior": o "bem" contra o "mal".

A culpa e a compaixão tornam-se instrumentos de poder.

Nessa inversão, o "mal" passa a ser tudo o que é forte, nobre, afirmativo.

A má consciência

O animal capaz de fazer promessas

O animal capaz de fazer promessas. A longa história da responsabilidade. O indivíduo soberano.

Repressão dos instintos

A má consciência surge quando os instintos agressivos são **reprimidos**. Agressividade e crueldade na origem do Estado, do Direito e da Moral

"Sem crueldade não há festa" (GM, II, 6)

"Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem" (GM, II, 16)

- A interiorização cria o "homem moral", culpado, devedor diante de Deus.
- A moral transforma a dívida (Schuld) em culpa.
- A religião cristã aperfeiçoa esse mecanismo, transformando sofrimento em virtude.

Poder e Controle

O papel da religião e do sacerdote

Canalização do ressentimento

O sacerdote canaliza o ressentimento coletivo.

Sentido ao sofrimento

Dá "sentido" ao sofrimento — *"o sofrimento tem um porquê"*.

Muda a direção do ressentimento (GM, II, 15).

Manutenção da doença

Promete salvação, mas mantém o homem doente.

Técnica de poder

A religião é uma técnica de poder sobre os instintos.

O sacerdote ascético e a domesticação da vida.

Civilização é repressão., mas a crítica de Nietzsche é contra a civilização? (GM, I, 11, p. 33) A crítica se faz em nome da "não-repressão? A medida grega. Agonismo. Disputa de Homero.



O ideal ascético

O ideal ascético: tentativa de **dar sentido à existência** quando o sentido se perde.

"O homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*."



Negação e conservação

O sacerdote ascético como negador e conservador da vida (GM, III, 13, p. 110; GM, III, 21, p. 131).

A salvação no outro mundo substituída pela salvação neste mundo por meios políticos

O homem moderno ainda busca um sentido absoluto — o eclipse de religiões transcendentais fez aparecerem religiões políticas.

Os justiceiros

Os justiceiros (GM, III, 14, p. 112-114)

A hybris moderna

A hybris moderna (GM, III, 9, p. 102)

Crítica à modernidade

A modernidade perpetua o niilismo cristão sob novas formas:



Igualitarismo

Igualitarismo moral, social e político.



Culto à compaixão

Culto à compaixão e à vítima.



Supressão da diferença

Supressão da diferença e o problema da hierarquia.

Nietzsche diagnostica a **doença da cultura ocidental**: a negação da vida sob o disfarce da moralidade.

A genealogia como crítica da cultura



O genealogista como médico

O genealogista é um "médico" da civilização.



Valores como produtos históricos

Mostra que os valores não são eternos, mas produtos de forças.



Transvaloração

Propõe uma **transvaloração** dos valores: recriar critérios afirmativos, vitalistas.

❏ **Perguntas finais:** quais valores promovem a vida? Qual é o sentido da "transvaloração dos valores"? Deve haver uma única moral na sociedade? Se não a moral escrava, deveria ser a moral nobre? A nobreza de Nietzsche está no passado?

Epílogo: Nietzsche hoje

- A *Genealogia da Moral* continua atual onde há moralização da política e da cultura.
- O diagnóstico nietzschiano antecipa o problema contemporâneo da **desmedida da compaixão** e seus efeitos na cultura, sociedade e política, especialmente nos países ocidentais.

Ler Nietzsche é enfrentar as perguntas:

"Até que ponto a verdade suporta ser incorporada?"

"Qual é o valor dos valores para a vida?"

O desafio não é destruir valores, mas criar novos — que afirmem a vida, a pluralidade, a criatividade, a vitalidade, a excelência e o crescimento.

Nietzsche está no epicentro das guerras culturais. É reivindicado por progressistas e por conservadores. Mas como Nietzsche se posicionaria nas guerras culturais atuais?